

## **A questão do trabalho acústico e auditivo nos laboratórios de fonética.**

Cagliari, Luiz Carlos  
Carvalho, Mariane  
Moretto, Mariana Moretto

A presente comunicação revisita uma velha discussão sobre o trabalho fonético auditivo e acústico dentro e fora de um laboratório de fonética, com enfoque em dois autores: Ladefoged (1960) e Xu (2009). A discussão ainda é atual e necessária. Essa questão começou na década de 50, quando surgiram sofisticados e importantes laboratórios de fonética, alguns em universidades, para fins linguísticos e outros em firmas de telefonia, para fins de engenharia de telecomunicação. Nos dois tipos de laboratórios, passou a ser comum uma crítica aos procedimentos "impressionísticos" das abordagens auditivas e articulatórias. O ouvido humano passou a ser uma máquina mais a serviço da fonologia do que de uma análise "mais realista" dos sons da fala.

Durante um certo tempo, na metade do século passado, os termos "articulatório" e "acústico", não raramente, significavam, de fato, auditivos. Somente com trabalhos de investigação instrumental, os termos articulatório e acústico passaram a ter um significado específico de dados obtidos através da análise anatômica e fisiológica ou através da investigação físico-acústica da onda sonora.

Apesar do grande volume de trabalhos acústicos da fala, a decisão linguística da análise acaba caindo sempre na decisão auditiva do foneticista que atribui um símbolo (categoria) a um som. Mesmo quando ele apenas analisa um espectrograma, a atribuição de um símbolo significa que ele acha que o que vê corresponde a algo que ele ouve. Todo foneticista sabe que não ouvimos espectrogramas, mas sons da fala. Considerações desse tipo mostram bem a diferença entre "fonética linguística" e "fonética físico-acústica".

Voltando aos meados do século passado, vemos que a discussão levou os foneticistas a admitirem que a fonética tem um aspecto científico e um aspecto artístico. O primeiro está envolvido com o uso de tecnologias científicas, como aparelhos e procedimentos científicos de análise e interpretação de dados. O segundo diz respeito ao modo como os foneticistas se referem aos fatos articulatórios e auditivos, a partir das relações entre símbolos fonéticos e sons da fala.

Naquela ocasião, um artigo polêmico de Abercrombie (1965, p.114-119), intitulado *Pseudo-procedures in Linguistics* motivou muita discussão. Logo depois, Peter Ladefoged (1973), que estudou com Abercrombie publicou um trabalho discutindo o assunto: *The value of phonetic statements*. Infelizmente, esse trabalho é pouco conhecido, mas traz uma contribuição muito importante para a discussão se a fonética é ciência ou arte. Discutindo o assunto, ele diz: *It is odd that linguists, who pride themselves on the rigour and scientific nature of many of their concepts, should nevertheless be so tolerant of vague, unverified statements in some parts of their field* (LADEFOGED, 1973, p. 218). Como ciência, a fonética deveria produzir trabalhos transparentes a todos os cientistas da área. Ele comenta: *A phonetic description can be considered to be adequate only if it has the same meaning for all who use it.*(LADEFOGED, 1973, p. 218). Sobre a questão do valor dos trabalhos acústicos de laboratórios, Xu (2009) coloca a discussão em outro lugar, mostrando que as investigações controladas das análises acústicas de laboratório contribuem para uma

melhor compreensão da fala. Ele não descarta a análise auditiva, mas privilegia a análise acústica.

Xu (2009) discute muitos "mitos" a respeito dos trabalhos em laboratório, como um excesso de cuidado que tira a espontaneidade, o artificialismo das articulações, a não naturalidade (falta de emoções) nas investigações prosódicas. Ele refuta tais argumentos, dizendo que algumas dessas atitudes, como a melhor articulação e o controle do contexto, contra o espontaneísmo e a falta de comunicação face a face, ajudam o foneticista a fazer uma melhor análise dos fatos, que podem ser testados em outros tipos de enunciados e contextos, como em fala espontânea e que toda análise tem um algum grau de formalidade: *No matter how unnatural the examined speech samples may be, the real objective is always to understand the kind of speech that occurs outside the lab.* (XU, 2009, p. 332).

### **Referências**

ABERCROMBIE, David. *Studies in Phonetics & Linguistics*. London: Oxford University Press. 1965. "Pseudo-procedures in Linguistics" p.114-119; "Parameters and Phonemes". p. 120-124.

LADEFOGED, Peter. "The value of phonetic statements" In: *Phonetics in Linguistics: a book of readings*. JONES and LAVER (Ed.). London: Longman. 1973. (p. 218-228).

XU, Yi. "Journal of phonetics" In: *In defense of lab speech*. London: London WC1N, 2010, p. 329-336.